



LITERATURA
GABARITO OFICIAL DEFINITIVO

QUESTÃO 1

A) (20 PONTOS)

O candidato deve demonstrar como, no poema, a dicotomia campo x cidade se dá, primeiramente, pelo modo do acontecimento inusitado da presença do boi no espaço urbano, o que fica delimitado no título, “Episódio”, e no questionamento do eu-lírico, “se não há fazendas”. Todo o resto do poema segue a partir de tal estranhamento. Na segunda estrofe, fica claro o que o boi representa: elementos do campo como a ciclicidade (“cheirando o tempo entre noite e rosa”) e a vagareza do tempo (“sua lenta máquina”); um elemento de conexão entre o eu-lírico e esse campo (afinal, é em sua porta que ele deliberadamente para) – que, no caso de Drummond, é um fator memorialístico de infância; e, finalmente, seu contraste com o mundo moderno, urbano e tecnicista (ao ser posto como “máquina”, metonímia da realidade dita civilizada). Contraposto ao tráfego e à polícia – elementos que remetem ao ritmo frenético e à constante vigilância do mundo moderno –, o boi é desejado pelo eu-lírico, que flerta com o retorno (o que fica claro com o uso do vocativo e o verbo no imperativo “conquistas”). A última estrofe consuma a conciliação entre boi e sujeito lírico por meio do ato de segurar os chifres, que remete a um gesto de domar o animal e o próprio sentimento dúbio em relação ao passado campestre, ao mesmo tempo “sonho” – espécie de lugar seguro – e “compromisso”, quase obrigação incontornável de um acerto de contas com a própria origem: viagem ao “País Profundo”, interior do país e de si próprio.

O candidato pode ainda desenvolver o aspecto memorialístico do poema ressaltando o retorno ao campo como um modo de rememoração de elementos de infância, sendo este um dos principais temas da poética drummondiana. Nesse caso, a aparição do boi “entre noite e rosa” remete a aspectos cotidianos da vida no campo. Ao “segurar o boi pelos chifres”, o eu-lírico enfrenta a memória representada pelo animal.

O candidato deve argumentar de maneira clara e coesa, de acordo com a norma culta da língua portuguesa, dominando os mecanismos linguísticos necessários ou indispensáveis para a construção da argumentatividade do texto.



B) (20 PONTOS)

O candidato deve apontar como o boi é uma metonímia que remete a uma realidade paralela àquela do mundo moderno, tão presente em seus versos. Tal realidade paralela diz respeito a um mundo não dominado pela técnica, ciência ou progresso, mas pela rotina baseada no tempo cíclico da natureza. É o contrário do que Maria Esther Maciel chama de “divisas da razão legitimada pela sociedade dos homens”, que o boi ultrapassa, justamente por não estar contaminado por elas. Por isso, no poema, ele é “alheio à polícia” – já que não está inserido na lógica de vigilância – e “anterior ao tráfego”, pois vem de um mundo de fixidez, estabilidade e permanência do tempo, naturalmente cíclico, repetitivo. É esse mundo do boi que Maria Esther afirma escapar à razão do homem moderno e urbano, incapaz de captar realidades e perspectivas que não sejam as suas. Drummond apresenta, no poema, a perspectiva do boi, impávido diante do cenário urbano, lento e alheio, possuidor de seu próprio “reino”, para onde transporta o eu-lírico. É essa figura do boi (e aquilo que Maria Esther chama de “visão própria das coisas que existem”) que cativa o sujeito do poema a retornar ao seu “País Profundo”, permitindo-se abandonar a alienação gerada pelo ritmo acelerado do mundo moderno.

O candidato pode acrescentar como o oxímoro “lenta máquina” marca o animal ironicamente como um elemento antimoderno, pois ao contrário da velocidade da máquina do mundo industrial, o boi permanece lento, alheio à aceleração do mundo. Ao ser posto como “cheirando o tempo”, ele o inala, o incorpora a si próprio, tornando também o tempo vagaroso, reforçando seu valor metonímico em relação ao campo, e se constituindo como um refúgio (ou objetivo) ao eu-lírico.

O candidato deve argumentar de maneira clara e coesa, de acordo com a norma culta da língua portuguesa, dominando os mecanismos linguísticos necessários ou indispensáveis para a construção da argumentatividade do texto.

QUESTÃO 2

A) (20 PONTOS)

O candidato deve associar o enredo do conto ao pensamento exposto no excerto citado. No texto de Lima Barreto, o narrador-protagonista, Castelo, logo no início afirma burlar respeitabilidades para poder viver, o que já significou até trabalhar como adivinho e feiticeiro. Ao longo do conto, descreve como ascendeu socialmente a partir da resposta fraudulenta a uma oportunidade de emprego: ser professor de javanês. Acabou sendo empregado por um barão já idoso, primeiramente para lecionar a língua que não dominava, e posteriormente para traduzir um livro que supostamente possuiria poderes mágicos. Já nesse ponto é



possível notar a ironia do autor: motivado a seguir com a mentira após notar a admiração das pessoas pelo seu suposto conhecimento, Castelo ignora qualquer senso ético e aceita o emprego, mantendo o embuste até o fim. Trata-se de uma alegoria aos vícios disseminados na sociedade brasileira, constantemente atacados por Lima Barreto. A partir do bom relacionamento com o Barão, Castelo segue obtendo oportunidades, chegando à diplomacia. Aqui, nota-se a cultura do favoritismo: como ressalta Sergio Buarque de Hollanda, o Brasil possui uma cultura de negócios pouco racionalizada e nada justa, em que a amizade e o relacionamento com pessoas influentes acaba sendo mais importante profissionalmente que a própria capacidade técnica, o que acaba confinando o poder ao mesmo grupo de pessoas.

O candidato pode ainda acrescentar o peso satírico do conto ao expor crítica e ironicamente a cultura do favor na sociedade brasileira. Castelo não apresenta sinais de remorso ao contar sua história a seu amigo.

O candidato deve argumentar de maneira clara e coesa, de acordo com a norma culta da língua portuguesa, dominando os mecanismos linguísticos necessários ou indispensáveis para a construção da argumentatividade do texto.

B) (20 PONTOS)

O candidato deve estabelecer uma comparação argumentada entre Castelo e Cazuzza. O primeiro, um cônsul que atingiu status na sociedade após uma escalada social baseada em golpes e mentiras: mesmo sem falar javanês, lecionou e traduziu a língua, além de publicar colunas no jornal sobre literatura javanesa; sem nada saber de linguística, representou o Brasil em um Congresso da disciplina; ao final do conto, como que zombando dos próprios escrúpulos, afirma que, se quisesse, poderia ser bacteriologista. Castelo narra, ao longo do conto, diversos episódios em que era admirado, o que retrata o fato de que era visto como um vencedor pela sociedade, de alto cargo e respeitado. Já Cazuzza é o retrato dos que são vistos como derrotados: jamais obteve oportunidades acadêmicas, profissionais ou literárias, fosse por não ter os contatos certos, fosse por sua aparência não impressionar. Ao final do conto, relata um inusitado caso de sua infância pobre, em um morro carioca: acidentalmente mata um pintinho, fato que chama de “assassinato” e que claramente marca um trauma de arrependimento. O contraste entre os dois personagens fica, então, explícito: enquanto Castelo não demonstra nenhum remorso de sua trajetória fraudulenta, Cazuzza opta por escolhas morais de justiça e correção, como sustentar e pagar o casal de negros que vivia com ele (prática não comum na época). No contexto da problemática sociedade brasileira retratada por Lima Barreto, é Castelo quem alegoriza o vencedor, e Cazuzza, o perdedor.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO - PROGRAD
DIRETORIA DE PROCESSOS SELETIVOS - DIRPS**



O candidato deve argumentar de maneira clara e coesa, de acordo com a norma culta da língua portuguesa, dominando os mecanismos linguísticos necessários ou indispensáveis para a construção da argumentatividade do texto.